

A ALEGORIA NO SERMÃO DA EPIFANIA

Marcelle Ventura CARVALHO¹

RESUMO

Neste artigo determina-se o processo de construção das alegorias no Sermão da Epifania do padre Antônio Vieira, ressaltando-se a importância teológico-política dos tropos que, não desprezando seu valor estético, estão a serviço da *utilitas causae* e não apenas como acessório embelezador do discurso. Demonstra-se que a alegoria é uma prova ou invenção retórica com a qual Vieira interpreta a História e atua deliberativamente na conjuntura política do Maranhão do século XVII, defendendo a missão jesuítica diante da Coroa Real Portuguesa.

PALAVRAS-CHAVES: alegoria, retórica, sermão, jesuíta, providencialismo.

RESUME

Dans ce travail on détermine le processus de construction de l'allégorie dans la prédication: *Sermon de l'Epiphanie* du prêtre Antônio Vieira, en mettant en relief l'importance théologique, politique et rhétorique du trope qui est au service de la *utilitas causae*, et pas uniquement un accessoire pour embellir le discours. On démontre ainsi que l'allégorie est une preuve ou une "invention" rhétorique à partir de laquelle Vieira interprète les événements historiques et agit délibérément dans la conjoncture politique du Maranhão du XVII^e siècle, au moment où il défend la mission des jésuites à la face de Couronne Royale Portugaise.

MOTS CLÉ: allégorie, rhétorique, sermon, providencialisme.

No capítulo 9 do *Livro Antepimeiro da História do Futuro*, Vieira afirma que:

a primeira e principal fonte, e os primeiros e principais fundamentos de toda esta nossa história é a Escritura Sagrada, com o que vem a ser um só livro e um só autor o que nela principalmente seguiremos: o livro, a Escritura; o autor Deus (Apud PELOSO, 1997, p. 557).

Para o jesuíta, as Escrituras são “biblioteca universal”, que abrangem a História da humanidade, desde a origem ao fim dos tempos. A diferença, por exemplo, entre a História do povo hebreu e a do povo português é que aquela está explícita nas Linhas Sagradas, enquanto que o destino dos lusitanos está figurado nos fatos bíblicos. Segundo Silvano Peloso (1997, p. 558), o texto divino pede leitores animados pelo Espírito e autorizados para interpretar o mistério. Verifica-se, portanto, que as posições políticas e religiosas adotadas por Vieira foram iluminadas por uma Luz escatológica e providencialista, cujos raios iluminavam a decifração dos fatos históricos. O orador acomodava as passagens da Escritura à sua realidade e a leitura tornava-se, por conseguinte, acto gerativo “de infinitos significados originados pelas conexões dos textos entre eles e com o leitor” (PELOSO, 1997, p. 558). Se a História estava escrita, como se pensava, cabia ao profeta decifrar, desvelar a “ordem muda do Ditado que fazia o mundo ser como analogia de proporção” (HANSEN, 1993, p. 46), ou seja, como alegoria factual² (*allegoria in factis*), em que o fato bíblico prefigurava ou metaforizava o fato histórico que se realizaria no futuro da humanidade (HANSEN, 1987). É lícito, portanto, afirmar que o padre Vieira distanciava-se, parcialmente, das prescrições da Retórica Antiga³, que classificavam a alegoria como ornamento pertencente à

¹ Mestre em Literatura e Cultura – PPGL/UFPA. Orientadora: Socorro Barbosa.

² A alegoria é a metáfora continuada ou ampliada. O processo construtivo da metáfora e da alegoria é o mesmo: a analogia. Mas a metáfora substitui um termo, enquanto que a alegoria substitui todo o texto ou parte considerável dele. Beda divide a alegoria em duas, a saber: *allegoria in verbis* (alegoria verbal) e *allegoria in factis* (alegoria factual). A primeira dá-se por analogia de atribuição entre as características dos termos próprio e figurado. A alegoria factual cria-se a partir da analogia de proporção entre acontecimentos, cujas semelhanças permitem supor que um fato predeterminou alegoricamente o outro; os elementos se correlacionam na simetria que se estabelece desse modo: A está para B, assim como C está para D. Esse tipo de alegoria era comum na Idade Média, ao afirmar-se que, nos Testamentos Bíblicos, o Novo era glosa Antigo. (Confronte HANSEN. *Alegoria: construção e interpretação da metáfora*).

³ A Retórica Antiga, fundamentada nas obras de Aristóteles, de Cícero e de Quintiliano, ensina os oradores a elaborar o “belo discurso persuasivo”, pelo respeito aos cânones estabelecidos no processo de elaboração do

elocução, visto que, no Sermão da Epifania, o tropo transforma-se em argumento pertencente à invenção, com os quais ele interpretava a palavra de Deus, anunciava o futuro e influenciava na política colonial portuguesa.

Sermão da Epifania

O Sermão da Epifania é um apelo de continuidade da Missão do Maranhão. O pregador – convicto da missão apostólica dos lusitanos, em que Portugal é “uma nação-instrumento que prepara a comunhão humano-divino” (PÉCORA, 1994, p. 262) –, clama, diante da rainha regente de Portugal D. Luísa de Gusmão e de sua corte, na Capela Real de Lisboa, em 1662, que não aborte a Missão do Maranhão⁴, pois essa região é o lugar em que ocorreu a Segunda Criação e onde ocorrerá a Segunda Epifania. Vieira prova a responsabilidade da Coroa Lusitana com a propagação da fé mediante três alegorias factuais, a saber: a alegoria da criação do mundo, a alegoria da conversão dos Reis Magos e a alegoria do Bom Pastor.

Alegoria da criação do mundo

Interpretando as palavras de Isaías (65:17): “eis que eu crio céus novos e nova terra”, e fundamentando-as com as linhas apostólicas (Ap. 21:1-2): “Eu vi um novo céu e uma nova terra. Porque já o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe”. Vieira afirma que:

É certo que o Céu e a terra foram criados no princípio do mundo: *In principio creavit Deus coelum, et terram*; é também certo entre todos os Teólogos e Filósofos, que depois daquela primeira criação, Deus não criou, nem cria substância alguma material e corpórea; porque somente cria de novo as Almas, que são espirituais: logo que terra nova, e que Céus novos são estes, que Deus tanto tempo antes prometeu que havia de criar? Outros o entendem de outra maneira, não sei se muito conforme à letra. **Eu, seguindo o que ela simplesmente soa e significa, digo que esta nova terra e estes novos Céus, são a terra e os Céus do Mundo Novo descoberto pelos Portugueses.** Não é verdade, que quando os nossos Argonautas começaram e prosseguiram as suas primeiras navegações, iam juntamente descobrindo novas terras, novos mares, novos climas, novos Céus, novas estrelas? **Pois essa é a terra nova e esses são os Céus novos que Deus tinha prometido, que havia de criar,** não porque não estivessem já criados desde o princípio do mundo, mas porque era este o Mundo Novo tão oculto e ignorado dentro do mesmo mundo, que quando de repente se descobriu e apareceu, foi como se então começara a ser, e Deus criara de novo (2000, p. 596-597, grifo nosso).

A partir desse momento Vieira passa a desenvolver a analogia entre as duas *Gênesis*: a criada por Deus e a criada por Deus e os portugueses. Na Primeira Criação, “[...] a terra não se via porque estava escondida debaixo do elemento água, e toda escura e coberta de trevas. Então dividiu Deus as águas, e apareceu a terra: criou a luz e cessaram as trevas” (2000, p. 598). Na

discurso, tais como: invenção, disposição, elocução, memória e ação. Na invenção, procuram-se as provas com as quais se convence o auditório da verdade do que é dito; na disposição, organizam-se as provas no modelo preconcebido de discurso; na elocução, ornamentam-se o discurso com os tropos de linguagem; na memória retêm-se todo o discurso; na ação, proclama-se a prédica.

⁴ Vieira desembarca em 16 de janeiro de 1653, em São Luís, ordenado pregador régio das missões dos índios do Maranhão e do Pará, cuja função era levar a palavra de Deus aos sertões do Maranhão, do Pará e do Amazonas Chamada “Missão do Maranhão”. Passados oito anos, após seguidos dissabores com os colonos, para quem o índio era “fonte desejável e insubstituível de trabalho”, Vieira é preso pelos colonos na Igreja S. João Batista, no Pará. Depois é enviado para o Maranhão, partindo em seguida para Lisboa, aonde chega em 6 de janeiro de 1662 e proclama o “Sermão da Epifania” (Conferir. LISBOA, João Francisco. *Vida do padre Vieira*).

Segunda Criação, assim como na primeira, as águas também cobrem a terra, pois se julga o oceano intransponível, mas os portugueses, com “ousadia e zelo”, dividem as águas “com as aventureiras proas dos primeiros Lenhos” (2000, p. 598), vislumbrando novas terras. O Novo Mundo, coberto das “trevas da infidelidade”, ilumina-se com luz Evangelho e o conhecimento de Cristo divulgado pelos portugueses (2000, p. 598).

A chegada dos portugueses ao Novo Mundo é semelhante ao início dos tempos – *Terra autem erat vanitas et nihil* – onde a “terra, porém, era vazia e nada”, a narrativa situa a sociedade indígena “num vazio de significação e fora do domínio da história” (SANTOS, 1997, p. 19). O “outro” só adquire significado, só passa a “ser” quando entra na “história dos europeus” e tem conhecimento da fé cristã.

A função dos portugueses, mais que descobrir, é instruir o Novo Mundo na crença de Deus para que faça parte, não só da história dos europeus, mas da história divina em que se lê que “todas as nações o servirão” (Isaías 71:11).

Lançando mão da alegoria factual, fundada na analogia de proporção, em que a primeira *Gênesis* prefigura a segunda Criação, como efeito de uma determinação providencial, Vieira prova que cabe à Coroa Lusitana o postulado a que está predestinada e a adverte que anular a Missão do Maranhão é correr o risco de perder toda a Monarquia e o Reino, que são propiciados pelo Criador.

Logo, “é preciso *mover* os homens e fazê-los, pela reta eleição do seu arbítrio, cumprir o futuro que se anuncia” (Pécora, 2001, p. 163). Vê-se que a hermenêutica do tropo favorece que o orador interfira na administração portuguesa d’além-mar, defendendo a manutenção do *statuo quo* favorável à Companhia de Jesus.

Prosseguindo em sua argumentação, Vieira realiza a exegese da próxima alegoria, a saber:

Alegoria da conversão dos Reis Magos

Do mesmo modo que na Primeira Criação houve a Epifania⁵ de Cristo, assim também, na Segunda Criação deve haver a Segunda Epifania ou manifestação de Deus ao Novo Mundo. Padre Vieira faz o paralelo entre a manifestação de Cristo aos Reis Magos e a Sua revelação aos índios do Maranhão, numa das alegorias factuais mais brilhantes do orador.

Sabe-se que, segundo o Texto Bíblico, Jesus nasceu em Belém de Judá, no tempo do rei Herodes. Três Reis Magos vieram do oriente, especificamente da Caldéia, a Jerusalém para adorá-lo. Ao chegar a Jerusalém perguntaram a Herodes: [...] “onde está o rei dos judeus que acaba de nascer? Vimos a sua estrela no oriente e viemos adorá-lo”. Herodes perturbado, convoca os príncipes dos sacerdotes e os escribas e pergunta-lhes onde havia de nascer Cristo. Todos responderam que em Belém, na Judéia. Herodes pergunta aos reis sobre a época em que o astro tinha-lhes aparecido, ao que responderam que há um período de dois anos. Herodes os envia a Belém e pede-lhes que quando encontrassem o menino viessem comunicá-lo, para que ele também o pudesse adorar. Contudo, os magos são avisados em sonho que retornem para suas terras por outro caminho, afastando-se de Herodes (Mateus 2: 1-12).

Essa passagem bíblica é para o orador a base de toda sua argumentação. Em que os Reis Magos são metaforizados como reis portugueses e índios, em momentos diferentes da prêdica. Embora a metáfora do índio seja a mais completa, por abranger todas as personagens da passagem epifânica, é importante mencionar todas as analogias.

a) Reis Magos prefiguraram os reis portugueses:

Respondendo à questão por que a América não é representada pelos Reis Magos, visto ser também parte do mundo, Vieira, concordando com São Bernardo, assegura que “[...] assim como houve três Reis do Oriente que levaram as Gentilidades a Cristo, assim havia de haver [na segunda

⁵ Epifania: festa cristã que comemora o batismo de Cristo e, secundariamente, as bodas de Cana, embora, desde o século V, a Igreja ocidental comemore, nesta data, o aparecimento dos Magos, como ocasião da primeira manifestação de Cristo aos gentios (12º Dia). Do grego, *epipháneia*, as 'aparição, manifestação', pelo Latim. *epiphania*, ae 'aparição, manifestação de Jesus aos Reis Magos'; forma histórica: sXV *epiphania*, sXV *epiphaniai*.

criação] outros três reis do ocidente que as trouxessem à mesma fé” (2000, p. 596). Esses reis, obrigatoriamente, seriam os do reino escolhido, isto é, Portugal.

Mas o tempo, que é o mais claro intérprete dos futuros, nos ensinou dali a Quatrocentos anos, que estes felicíssimos Reis foram el-Rei D.João o Segundo, el-Rei D. Manuel, e el-Rei D.João o Terceiro; porque o primeiro começou, o segundo prosseguiu, e o terceiro aperfeiçoou o descobrimento das nossas conquistas, e todos três trouxeram ao conhecimento de Cristo aquelas novas Gentilidades, como os três Magos as antigas. Os Magos levando a luz da Fé do Oriente para o Ocidente; eles do Ocidente para o oriente; os Magos apresentando a Cristo a Ásia, África e Europa; e eles a Ásia, África e América; os Magos estendendo os raios da sua Estrela por todo o Mundo Velho até às gargantas do Mediterrâneo; eles alumando com o novo Sol a todo o Mundo Novo até às balizas do Oceano.(VIEIRA, 2000, p. 596).

Se os três Reis Magos já haviam propagado a fé na Ásia e na África, por que os portugueses também o fizeram? Porque o Mundo Velho era composto de três partes, a saber: Ásia, África e Europa. Mas as duas primeiras não foram conquistadas inteiramente. A África compreendia sua porção mediterrânea e a Ásia o mar Eritreu, nome dado pelos antigos ao Mar Vermelho, ao Oceano Índico e ao Golfo Pérsico.

Quando os portugueses dilataram a fé no Japão, na China, nas Filipinas, dentre outras, deram continuidade à cristandade iniciada pelas personagens que os prefiguraram: os Magos do Oriente. Assim, é lícito supor, segundo Vieira, que os três reis portugueses também representaram a Ásia, a África, como o faziam os Magos do Oriente.

Logo, os reis lusitanos não podem prescindir-se da tarefa iniciada pelos seus ancestrais sem incorrer em imperdoável afronta a Deus, ou, melhor dizendo, não podem dispensar o providencial trabalho executado pelos padres da Companhia de Jesus sem correr o risco de perder o Reino Deus, visto que Ele “vos será tirado e dado a uma nação que dê seus frutos” (Mateus 21:43). Na seqüência da exposição das provas retóricas Vieira disserta sobre a alegoria seguinte, a saber:

b) A estrela que guiou os Reis Magos prefiguraram os jesuítas:

A ação iniciada pelos Reis Magos e prosseguida pelos reis portugueses fez de Cristo um *sol*, que “vai nascendo sucessivamente a todo o mundo, e ainda que a umas terras nasça mais cedo, a outras mais tarde, para cada terra tem seu nascimento” (VIEIRA, 2000, p. 602). Se cada terra tem seu nascimento, logo terá também a sua Epifania. No seguinte quadro sinóptico, apresenta-se a analogia em que se fundamenta Vieira, para provar a revelação de Deus aos índios do sertão do Maranhão:

Alegoria factual	
<i>Figurado</i>	<i>Literal</i>
Primeira Epifania	Epifania do Maranhão
↓	↓
Cristo recém-nascido	Cristo recém-nascido
↓	↓
Magos	Índios
↓	↓
Estrela	Jesuítas
↓	↓
Herodes	Povo do Maranhão
↓	↓
Belém de Judá	Belém do Maranhão

Nasce Jesus, na pobreza de um presépio em Belém de Judá. Os magos, reis e astrólogos do Oriente são guiados pela *Stella ejus*, pela sua Estrela, ou Estrela de Jesus ao encontro do menino Deus. Herodes diz aos magos que também queria ir ao encontro de Cristo para adorá-lo, quando na verdade queria matá-lo. Deus, em sonho, avisa aos magos que se distanciassem de Jerusalém, retornando por outro caminho.

Século mais tarde, “nasce” Jesus na pobreza das aldeias em Belém do Maranhão. Os índios, os gentios, desses sertões são guiados ao encontro da Fé pela **Estrela de Jesus**, ou melhor, pelos membros da **Companhia de Jesus**. Mas os colonizadores, os Herodes do Novo Mundo, dizem que também desejam ir ao sertão para adorar Cristo, ajudando na catequese; quando, de fato, desejavam resgatar escravos, matando suas almas e sua liberdade.

No sermão, Vieira demonstrar particularidades que enaltecem a ação das *estrelas da Companhia de Jesus*, pode dizer-se que os jesuítas, assim como a Estrela de Belém, buscaram cristãos em terras longínquas, mas a Estrela dos Magos se deslocou apenas treze dias de caminho, da Arábia à Mesopotâmia, nunca “saindo de seu elemento”, ou seja, esteve sempre no céu, e pregou a três reis sábios parando quando eles cansavam. Os jesuítas deslocaram-se mais de mil léguas por mar “saindo sempre do seu elemento”⁶, sujeitos aos ventos, aos naufrágios, às tempestades, às cobras; pregaram a várias nações, não só parando a catequese quando os índios se cansavam, mas retornando e ensinando o já ensinado, dizendo o já dito.

Expondo a analogia de Vieira entre a Epifania do Velho Mundo e a Epifania do Novo, percebe-se que, para o pregador, a segunda foi incomensuravelmente mais importante do que a primeira, pela quantidade de cristãos que converteu e pelas dificuldades de conversão. De certa forma o sermão da Epifania comemora esse aumento da cristandade, tornado possível pela colonização portuguesa, mas receia a ação dos adversários, porquanto na primeira epifania há apenas um Herodes querendo matar Cristo, ao passo que no Maranhão todo o povo, centenas de Herodes, quer não só matar Cristo – matam-no quando dificultam o Seu conhecimento na região –, mas escravizar os novos fiéis, que foram convertidos pelo esforço dos jesuítas, tornando-se mister voltarem os pregadores às regiões do Maranhão. Mas essa volta dar-se-ia conforme a próxima alegoria:

Alegoria do pastor de ovelhas

Assim como a Providência não faltou aos Reis Magos, assim também não faltou ao geral da missão do Maranhão. Deus avisou aos Magos depois de convertidos e tornados futuros pregadores de seus reinos para que voltassem por outro caminho, fugindo de Herodes. Assim, esse pregador expulso do Maranhão deverá retornar a terra por outro caminho, isso é indicado por Vieira na passagem seguinte:

E para acabar como comecei com a última cláusula do evangelho, o que ele finalmente diz é que os Magos tomaram para a sua terra por outro caminho: *Per aliam viam reversi sunt in regionem suam*. A terra foi a mesma, mas o caminho diverso; e isto é o que só desejam os que não têm por suas outras terras mais que as daquelas Gentilidades a cuja conversão e doutrina por meio de tantos trabalhos têm sacrificado a vida. Voltar para as mesmas terras, sim, que o contrário seria inconstância; mas em forma que o caminho seja tão diverso que triunfe e seja servido Cristo e não Herodes (2000, p. 632).

Por qual caminho deve o missionário jesuíta retornar? O “caminho” da jurisdição temporal e espiritual dos índios, assegurada pela “justiça e grandeza de Vossa Majestade”. Vieira observa que:

⁶ “Sair do seu elemento”, significa, conforme Vieira, que o jesuíta, em sua missão de levar o conhecimento de Deus aos índios, precisa sair da terra, seu elemento natural, e navegar pelo mar e rios, sujeitos aos diversos perigos.

Quem tem obrigação de apascentar as ovelhas? O Pastor. E quem tem obrigação de defender as mesmas ovelhas dos lobos? O Pastor. Logo o mesmo Pastor que tem o cuidado de as apascentar, há de ter, também o poder de as defender. Esse é o ofício do Pastor, e esse o exercício do cajado. Lançar o cajado à ovelha para a encaminhar, e terçá-lo contra o lobo para a defender. E vós quereis que este poder esteja em uns, e aquele cuidado em outros? Não seja isso conselho de lobos! Quando Davi andava no campo apascentando as suas ovelhas, e vinha o urso, ou leão para lhas comer, que fazia? Ia a Jerusalém buscar um Ministro de el Rei Saul, para que lhas viesse defender? Não seria Davi, nem Pastor, se assim o fizesse. Ele era o que as apascentava, e ele quem as defendia. E defendia-as de tal sorte, que das gargantas e das entranhas das mesmas feras as arrancava; porque se o lobo ou o leão lhe tinham engolido o cordeiro pela cabeça, tirava-lho pelos pés; e se lho engoliam pelos pés, tirava-lho pelas orelhas (2000, p. 615-616).

Alegorizando o missionário como pastor, os índios como ovelhas, os colonos como lobos, o orador tenta persuadir a Coroa portuguesa de que cabe aos missionários o poder total sobre os índios, assim como Davi em relação às suas ovelhas. No Maranhão, deseja-se que esse poder seja dividido, cabendo aos religiosos cuidar da alma dos gentios e aos colonos aproveitar-se de seus corpos como escravos. Vieira afirma que “dividir as Almas dos corpos é matar, assim dividir estes dois cuidados é destruir” (2000, p. 614). Ele assegura que Portugal só realizará a Glória para a qual foi destinado se entender

[...] que não pode haver Cristandade nem Cristandades nas Conquistas, sem os Ministros do Evangelho terem abertos e livres estes dois caminhos, que hoje lhes mostrou Cristo. Um caminho para trazerem os Magos à adoração, e outro para os livrarem da tirania; um caminho para lhes salvarem as almas, outro para lhes libertarem os corpos (VIEIRA, 2000, p. 613).

Poder-se-ia resumir o Sermão da Epifania no seguinte quadro analógico:

Alegoria factual	
<i>Figurado</i>	<i>Literal</i>
Primeira Gênese ↓	Segunda Gênese ↓
Deus criou o mundo ↓	Os portugueses, guiados por Deus, “criaram” o Novo Mundo ↓
O braço de Deus divide as águas. Surge a terra que jazia na escuridão ↓	As caravelas portuguesas dividem as águas do oceano. Surge a nova terra que, longe da cristandade, jazia na escuridão ↓
O homem vivia na gentilidade até o nascimento de Cristo ↓	Os índios viviam na gentilidade até o “nascimento de Cristo” no Maranhão ↓
Primeira Epifania ↓	Segunda Epifania ↓

Três reis levam a cristandade à África, Ásia e Europa guiados pela estrela e fugindo de Herodes	Três reis portugueses levam a cristandade à África, Ásia e América ↓
	Terceira Epifania ↓
	Nasce Jesus em Belém do Maranhão ↓
	Os gentios vão ao encontro de Cristo guiados pelos jesuítas, os quais fogem da tirania dos colonos

Analisando o quadro, percebe-se que a História em Vieira é um *uni-verso*, é o mesmo verso, a mesma palavra, os mesmos fatos que se repetem **proporcionalmente** na História, formando alegorias factuais onde sempre se mostra “[...] o mesmo e único princípio construtivo e de inteligibilidade, **visão profética da história** encarnada por Cristo como um **processo de realização** e plenificação de uma **uni-totalidade** divino-humano-cósmica” (LOPES, 1997, p. 325).

Todas as três analogias expostas são alegorias factuais, que elegem os fatos sagrados – quer sejam retirados do *gênesis*, da Epifania, ou do ofício de Davi –, como paradigmas dos fatos humanos que se realizarão no futuro, tem-se o “[...] uso apodíctico das escrituras na compreensão do devir histórico” (SANTOS, 1997, p. 20).

O Sermão da Epifania de padre Antônio Vieira é uma construção persuasiva fundamentada nas regras legadas pela Retórica Antiga. Essas regras foram habilmente adaptadas pela oratória sacra à ação missionária, apostólica e política da Companhia de Jesus. Vieira, no entanto, como foi demonstrado nesse artigo, distancia-se dos retores clássicos por empregar a alegoria como invenção, isto é, como argumentação retórico-teológica, persuadindo a Coroa Lusitana e movendo-lhe os ânimos ao demonstrar a ação providencial de Deus na Missão do Maranhão, agindo, como ficou exposto, deliberativamente na política colonial portuguesa.

As alegorias são as armas com as quais o orador luta para que se cumpra a vontade de Deus no tempo; um tempo finito, que tem por limite o Apocalipse, mas que entre o Gênesis e o final dos tempos a História se move em espirais, permitindo que os acontecimentos, como que refletidos em espelhos, encontrem um análogo em momentos distantes. As alegorias vieirianas são retóricas pela agudeza e pelo engenho com que se tornaram provas de persuasão; são políticas, porque com seu emprego interferiram na administração colonial seiscentista, ratificando a idéia nacionalista providencial; são teológicas por estarem em sintonia com Deus.

A genialidade de Vieira repousa na enorme capacidade de aproximar conceitos distintos e expô-los com enorme concordância e harmônica analogia, em outras palavras, o jesuíta foi gigante ao criar agudezas⁷, que se desdobraram em alegorias factuais a serviço da *utilitas causae*, e foram habilmente manejadas como instrumento verbal de ataque e de defesa, cumprindo-se a máxima de Santo Agostinho: “O orador não deve ser escravo da expressão, mas a expressão deve servir ao orador”.

⁷ A agudeza “consiste, pues, este artificio conceptuosos em uma primorosa concordancia, em uma hamônica correlación entre los cognoscibles extremos, expresa por um acto Del entendimiento” (GRACIÁN. *Agudeza y arte de ingenio*, 1988)

REFERÊNCIAS

- BÍBLIA SAGRADA*. Tradução do Centro Bíblico Católico. 38. ed. São Paulo: Claretiana, s/d.
- GRACIÁN, Baltasar. *Agudeza y arte de ingenio*. Edición, introducción y notas: Evaristo Correa Calderón. Madrid: Castalia, 1988.
- HANSEN, João Adolfo. *Alegoria: construção e interpretação da metáfora*. 2. ed. São Paulo: Atual, 1987.
- _____. Sem f, sem l, em r: cronistas, jesuitas & índio no século XVI. *Caderno Cedex*, São Paulo, n. 30, p. 45-55, 1993.
- LISBOA, João Francisco. *Vida do padre Antônio Vieira*. São Paulo: W M. JACKSON, 1970.
- PÉCORA, Alcir. *Máquina de gêneros*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001.
- _____. *Teatro do sacramento: a unidade teológico-retórico-política dos sermões de Antonio Vieira*. São Paulo: Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Universidade de Campinas, 1994.
- PELOSO, Silvano. O paradigma bíblico como modelo universalista de leitura em Antônio Vieira. *Brotéria*, Lisboa, v. 145, n. 4/5, p. 557-575, out./nov. 1997.
- SANTO AGOSTINHO. *A doutrina cristã*. São Paulo: Paulus, 2002.
- SANTOS, Beatriz Catão Cruz. *O pináculo do temp(l)o: o sermão do padre Antônio Vieira e o Maranhão do século XVII*. Brasília: Universidade de Brasília, 1997.
- VIEIRA *Sermões Padre Antônio Vieira*. Organização e introdução: Alcir Pécora. São Paulo: Hedra, 2000.

